





A CONSTRUÇÃO DA FITA DE MOEBIUS: REPERCUSSÕES COM PROFESSORES READAPTADOS¹²


Construction of Möbius strip: repercussions with readjusted teachers

Maria Luiza Gava Schmidt³ 
Universidade Estadual Paulista⁴
Assis, São Paulo, Brasil.

Larissa Rodrigues de Freitas⁵ 
Universidade Estadual Paulista
Assis, São Paulo, Brasil.

Camila Querubin⁶ 
Universidade Estadual Paulista
Assis, São Paulo, Brasil.

Venâncio Paiola Tonon⁷ 
Universidade Estadual Paulista
Assis, São Paulo, Brasil.

Tainara Menezes Dias⁸ 
Universidade Estadual Paulista
Assis, São Paulo, Brasil.

Resumo

Neste artigo, apresentamos o resultado de uma sessão da clínica do trabalho na proposta da psicodinâmica do trabalho, na qual foi realizada uma oficina de confecção da Fita de Moebius. Participaram da atividade doze professores que foram afastados do trabalho e readaptados em outras funções. Tomando como referência as propriedades topológicas correlacionadas à fita surgiram relatos da vivência do rompimento com o trabalho ocasionado pelo adoecimento, tensões relacionadas ao processo de readaptação profissional e perda de

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

² Copyright © 2021, Schmidt *et al.* Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons, atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ mlschmidt@uol.com.br

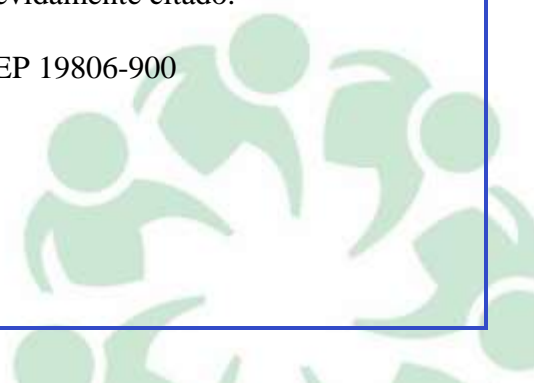
⁴ Av. Dom Antonio, 2100 - Parque Universitário - Assis/SP - CEP 19806-900

⁵ lafreitas14@gmail.com

⁶ camila.querubin@gmail.com

⁷ paiola.tonon@unesp.br

⁸ tainara.menezes@unesp.br



referencial identitário do papel de professor provocadas pelas restrições laborais. Esperamos com este artigo contribuir para mostrar uma possibilidade de atuação da Psicologia do Trabalho em suas conexões com a Clínica do Trabalho na vertente dejouriana na área da saúde do trabalhador.

Palavras-chave: Readaptação profissional. Clínica do trabalho. Psicodinâmica do trabalho. Fita de Moebius. Professores.

Abstract:

In this article, we present the result of a workplace clinic session within the psychodynamics of work proposal, in which a workshop was conducted for constructing a Möbius Strip. Twelve teachers removed from their work and readjusted in other functions participated in the activity. Based on topological properties correlated to the strip, there were reports of work leave caused by illness, tensions related to the process of professional readjustment and loss of identity reference concerning the teacher role caused by labor restrictions. We expect this article contributes to show a possibility of using the Psychology of Work connected to the dejourian perspective of Workplace Clinic in the area of occupational health.

Keywords: Professional readjustment. Workplace clinic. Psychodynamic of work. Möbius strip. Teachers.

Introdução: A fita de Moebius e a subjetividade

Descrita com grafias diferentes (Möbius, Möebius, Moebius), consiste numa fita criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius (1790-1868) (Scheller, Bonotto & Biembengut, 2016; Silva, 2018), sendo também pesquisada pelo matemático e arquiteto Johann Benedict Listing (1808-1882).

Esta fita nada mais é que uma superfície não orientável, uma superfície topológica. Por meio da figura extraída da Topologia, entende-se como uma face está diretamente articulada à outra. Percorrendo um dos lados da superfície da fita, ao final pode-se perceber que, devido a uma torção de 180° em uma das pontas antes de uni-las, passa-se, sem sair do percurso, do lado de fora para o lado de dentro e assim sucessivamente. Devido a esta propriedade topológica não é possível definir onde está o interior ou o exterior da fita. (Scheller et al., 2016, pp. 3-4).

Autores associam a topologia da fita de Moebius à concepção de produção de subjetividade e de construção do sujeito, tomando como referência a concepção de que “a subjetividade, antes de ser individual, é coletiva, social e histórica, e relaciona-se com o mundo que a gera, tal como ilustra a Fita de Moebius” (Grisci, 2003, p. 91). A imagem

dialoga com a ideia de subjetividade de Deleuze (1991), de que somos dobras produzidas numa torção dentro (sujeito) - fora (tessitura social), ou seja, a subjetivação, por conseguinte, se faz por dobra (Deleuze, 2005).

Silva e Garcia (2011) ao discorrer sobre os diferentes modos de pensar a subjetividade e sujeito, ressaltam que as concepções se apresentam contraditórias, complementares e, até mesmo coincidentes na diversidade dos conceitos das teorias psicanalíticas e sociais.

A representação subjetiva simbolizada na fita de Moebius, é possível pelo fato desta imagem ser mergulhada em três dimensões, parecendo possuir não uma, mas duas faces; sendo assim, uma manobra da nossa intuição espacial comum (Triska & D'Agord, 2013). Logo, a fita de Moebius adquire uma representação simbólica e bidimensional,

[a fita] possibilita a elaboração mental correta de sua abstração, como desenhá-la achatada sobre um papel, suas verdadeiras propriedades topológicas não serão confundidas com o seu aspecto imaginário, isto é, a imagem que fazemos dela quando materializada, mergulhada. É, repetimos, a passagem da intuição imaginária à representação simbólica. (Triska & D'Agord, 2013, p. 150).

Isto ocorre porque, quando manipulamos a fita de Moebius, nossas concepções de lado de cima e lado de baixo, ou dentro e fora ganham outro sentido; não é por acaso que sua representação mais comum é o símbolo do infinito (Pickover, 2006).

Essa combinação entre complexidade e simplicidade é o que faz da fita de Moebius objeto de reflexão em áreas diversas, inclusive para a psicologia. O psicanalista Jacques Lacan (1901-1981), por exemplo, utilizou a fita de Moebius como dispositivo teórico em seu décimo seminário, intitulado *A Angústia* (1962-1963). Para Lacan (1962-1963/2005) é através deste deslizamento constante entre significante/significado, avesso/direito e espaço/vazio que nos constituímos como sujeitos. Com estas concepções este autor fundamenta uma crucial contribuição “à teoria psicanalítica, isto é, a proposta de um novo método de pesquisa – a topologia estrutural” (Triska & D'Agord, 2013, p. 145).

Lacan (1961-1962/2003), em *A Identificação*, utiliza um traçado topológico para propor uma nova noção de repetição em psicanálise. Concebendo que mediante os elementos estruturais as identidades individuais e coletivas emergem das identificações significantes, sendo o sujeito sustentado pela identificação em sua relação com o desejo e o afeto.

Sobre o papel da fita de Moebius na constituição do sujeito na teoria lacaniana, Monteiro (2014) descreve que,

A fita de Moebius permite subverter a relação significante/significado, pois seu avesso e seu direito são contínuos, por isso o significado de um significante num dado momento, logo já não será mais o mesmo. Como o significado não de deslizar pelo avesso, quando completa a volta já está no direito e já é outro (p. 134).

Ainda na sua opinião,

O uso que Lacan faz da fita de Moebius, fundamental, como sabemos, em seu ensino, é o primeiro marco de uma paixão pelos objetos que subvertem a representação comum do espaço, à maneira como o inconsciente freudiano subverte o sujeito. Ao levar em consideração o espaço, a topologia põe o imaginário pelo avesso, realizando o que o objeto a promete no pensamento lacaniano (Rivera, 2008, p. 221).

Uma célebre autora que também utilizou em suas obras a fita de Moebius foi a artista plástica brasileira Lygia Clark (1920-1988). Conhecida como uma das expoentes do neoconcretismo, movimento artístico da segunda metade do século XX que tinha como pressuposto a participação ativa do espectador frente às performances e objetos de arte.

Por volta de 1963, ela propõe que o espectador, que já é participante da obra, crie uma fita de Moebius que cortará em toda a sua extensão, fazendo a experiência da continuidade entre o dentro e o fora que ela chama de "Caminhando" (Barbieri, 2008, p. 13).

A representação moebiana, que se dá na continuidade desta obra e do ato performático, abandona a distinção entre sujeito e objeto (Rivera, 2008).

É importante notar, independentemente dos limites da influência direta da psicanálise – ou melhor, do quanto a torção imposta pela poética clarkiana torna estranho o pensamento psicanalítico – que ela se inscreve no que diz respeito ao corpo, mas menos à presença dele em si do que à presença do corpo que desestabiliza o eu para dar lugar à palavra, à fala em que cada sujeito se delinea invisivelmente em um lapso de tempo, escapando à objetificação e à visualidade que circunscrevem o campo da arte (Rivera, 2008, p. 229).

Neste artigo procuramos interpretar a construção da fita de Moebius à luz da vertente da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994). Nesta perspectiva a psicanálise é utilizada de forma não reducionista para compreender a subjetividade na relação de prazer e sofrimento do trabalhador com o trabalho, concebendo que do ponto de vista econômico “o prazer do trabalhador resulta na descarga de energia psíquica que uma tarefa autoriza” (Dejours et al., 1994, p. 4).

Em suas concepções teórico metodológicas Dejours marca:

uma posição mais próxima dos desenvolvimentos pós-freudianos – que enfatizaram a importância do fortalecimento do Eu -, posição contrária à linha lacaniana que privilegia o inconsciente como fonte de singularidade do sujeito e, por outro lado, vê no Eu um mero conglomerado de identificações com figuras externas e o resultado de compromissos com a adaptação e com o atendimento ao desejo do outro (Perissé, 2016, p. 205).

Kanabus (2015), em entrevista realizada com Dejours, apresenta uma comparação deste autor entre sua abordagem com a lacaniana. Em uma de suas respostas ao entrevistador ele diz que enquanto a abordagem lacaniana idealiza demasiadamente a questão do significante, para ele “não há só palavras, há também o modo como o paciente as diz” (p. 336).

Esta concepção está embasada na sua forma de compreender as relações entre trabalho e subjetividade. Para Dejours (2004)

O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar. O real do trabalho sempre se manifesta afetivamente para o sujeito, aí se estabelece uma relação primordial de sofrimento, experimentada pelo sujeito, corporificada (p. 27).

O olhar da Psicodinâmica do Trabalho aos aspectos da relação entre subjetividade e trabalho auxilia na compreensão e nos questionamentos que possibilitam reflexões acerca de problemas inerentes às relações de trabalho e aos interesses do trabalhador focando sua relação com o trabalho antes e após o adoecimento, bem como o afastamento para tratamento, o processo de readaptação profissional assim como sua permanência no trabalho após o retorno.

O trabalho é considerado o espaço privilegiado na conquista da identidade pelos indivíduos (Lancman & Uchida, 2003). Deste modo, de acordo com Zambroni-de-Souza e Moraes (2018) mediante o adoecimento e rupturas involuntárias da atividade profissional, a dinâmica psíquica de trabalhadores afastados por doença surgida e/ou agravada no trabalho também é afetada.

Do mesmo modo, a reintegração dos trabalhadores com restrição laboral também ocorre mediada por relações subjetivas decorrentes de vários aspectos, como:” questões da sub ou hiperutilização das capacidades psíquicas, cognitivas e físicas, ou pela perda de status dos indivíduos nos novos postos de trabalho” (Lancman, Toldrá & Santos, 2014, p. 108).

O retorno ao trabalho mediante reabilitação profissional, implica ainda,

em uma mudança de identidade, na construção de novos coletivos de trabalho, decorrentes das relações com os demais trabalhadores que deverão assumir tarefas que os “restritos” não podem realizar, ou, por vezes, no convívio com as limitações adquiridas e restrições laborais que acabam sendo esquecidas na rotina de trabalho pelos colegas e pelas chefias (Lancman et al., 2014, p. 108).

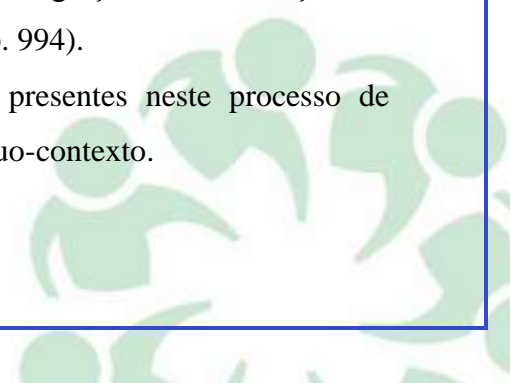
Amaral e Mendes (2017) concebem que entre os professores a readaptação não se cumpre adequadamente, porque “no caso do professor readaptado, essa condição lhe afasta das atividades de sala de aula, trazendo a necessidade de ressignificar sua identidade profissional de professor” (p. 115).

No caso de professores da rede pública, o processo de readaptação profissional segue a Lei n. 8.112, de 11 dezembro de 1990, que dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, na Seção VII, artigo 24, define que “readaptação é a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica”. E ainda destaca no parágrafo 2º que “a readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida, nível de escolaridade e equivalência de vencimentos e, na hipótese de inexistência de cargo vago, o servidor exercerá suas atribuições como excedente, até a ocorrência de vaga” (Lei n. 8.112, 1990).

Os que atuam em escolas particulares, são contratados em regime celetista, tendo o direito à reabilitação profissional, garantida pela Previdência Social, tomando-se a Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991, dos segurados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) **(Lei n. 8.213, 1991)**.

Independentemente do regime laboral, o processo de retorno ao trabalho, tem como objetivo “acolher o trabalhador, a fim de facilitar a sua reintegração e manutenção do emprego após o episódio de afastamento” (Silva-Junior, 2018, p. 994).

Lima (2018) alerta para os facilitadores e barreiras presentes neste processo de retomada às atividades laborais produzidos na interação indivíduo-contexto.



Isto posto, neste artigo procuramos com a elaboração da ideia de continuidade ilustrada pela fita de Moebius compreender entre professores da rede pública readaptados a articulação do afastamento do trabalho, readaptação profissional e subjetividade enquanto elementos que se conectam por pontos múltiplos. Esta articulação considera duas condições em especial: a realidade do mundo do trabalho como constitutiva do sujeito, bem como a subjetividade vinculada ao processo de retornar as atividades laborais mediante processo de readaptação profissional.

Procedimentos metodológicos

Participantes

Participaram desta atividade doze professores estaduais de um município do interior do estado de São Paulo, que adoeceram, foram afastados do trabalho e retornaram às atividades laborais por meio do processo de readaptação profissional, sendo, onze do gênero feminino e um do gênero masculino, na faixa etária de 30 a 50 anos, todos possuem ensino superior completo. O tempo de atuação como professores antes do afastamento é de 5 a 25 anos, ministrando disciplinas nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Matemática, para alunos matriculados no Professor da Educação Básica II (PEB II), ou seja, nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A maioria estava readaptado há mais de cinco anos, todos em atividades fora do contexto da sala de aula, atuando em funções administrativas na Diretoria de Ensino ou nas bibliotecas e secretarias de escolas.

Procedimentos

A metodologia escolhida foi atividade grupal, embasada na Clínica do Trabalho na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, projeto de atividade de estágio específico em psicologia no campo da saúde do trabalhador criado em 2018. As clínicas do trabalho correspondem a um conjunto de disciplinas interessadas na investigação da relação trabalho e subjetividade, com destaque na esfera da saúde no trabalho, ou sua ausência (Bendassolli, 2015). Refere-se a “um espaço clínico e social que envolve o sujeito na realidade de trabalho” (Mendes & Facas, 2018, p. 279). Nesta metodologia embasada na abordagem qualitativa os próprios indivíduos/trabalhadores são convidados a analisar e ajuizar sobre suas práticas (Silva, 2020).

Entre suas características essenciais, as clínicas do trabalho defendem o trabalho como uma atividade material e simbólica estruturante do laço social e da vida (inter)subjetiva, no sentido em que apontam a centralidade do trabalho para a organização psíquica e social (Silva, 2020, p. 98).

Na clínica do trabalho na vertente dejouriana a escuta se dá em grupo, sendo este entendido como uma ampliação do espaço público de discussão, o que possibilita a transformação de compreensões individuais em reflexões coletivas (Dejours, 1995) além de permitir “que os indivíduos sejam capazes de se reapropriar de seu trabalho e a relação com sua saúde” (Lancman et al., 2014, p. 108).

A Psicodinâmica do Trabalho é antes de tudo uma clínica. Ela se desdobra sobre um trabalho de campo radicalmente diferente do lugar da cura. Afirmar que ela é uma clínica implica que a fonte de inspiração é o trabalho de campo, e que toda a teoria é alinhavada a partir deste campo (Dejours, 1993, p. 137).

O espaço grupal de escuta foi construído para trabalhadores que se afastaram do trabalho, por acidentes ou adoecimento, e retornaram às atividades laborais após serem readaptados. Os encontros grupais ocorreram numa sala nas dependências da Universidade, foram desenvolvidas seis sessões no ano de 2018 e seis em 2019, cada sessão teve duração de três horas, sendo desenvolvido por quatro graduandos e uma professora supervisora.

O contato com os professores foi propiciado pela Diretoria de Ensino do Município que apoia na divulgação e autorizou a saída no horário de expediente para os interessados em participar do grupo.

Foram respeitados todos os aspectos éticos, estando em conformidade com a Resolução nº 510/2016 sobre a Ética na Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, sendo assim, todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando o uso de falas e imagens desde que mantidos o anonimato.

As sessões grupais foram desenvolvidas com técnicas de oficina com proposição de temas expressados em atividades de pintura, escultura, desenhos, música, jogos dramáticos, por meio dos quais os participantes externalizavam suas opiniões a respeito do tema e relacionavam suas vivências diretamente à temática proposta.

Consideramos relevante a realização da oficina dentro da Clínica da Atividade, pois este procedimento produz “efeitos subjetivos e socializantes por operarem sobre uma superfície material concreta” (Mendonça, 2005, p. 629). Propiciando aos participantes a

percepção de si mesmo, além de favorecer a mobilização subjetiva dos aspectos psicodinâmicos do afastamento e retorno ao contexto de trabalho. A cada encontro iniciamos pela proposição de um tema. Aos participantes, era solicitado que externassem suas opiniões a respeito do tema e que relatassem experiências vividas relacionadas diretamente à temática proposta.

No ano de 2019, em um dos encontros foi realizada uma oficina de construção da Fita de Moebius sendo esta sugerida e conduzida por uma professora participante do grupo formada em Artes e readaptada em atividades administrativas na Diretoria de Ensino. Ela propôs correlacionar a construção da fita com o processo de afastamento e retorno ao trabalho.

O fato de ela atuar como instrutora no direcionamento desta atividade foi devido ao dispositivo construído a partir da sua vivência e conhecimento da técnica de construção da fita. À luz da Psicodinâmica do Trabalho, ao assumir a posição de protagonista da ação, favoreceu um diálogo interno que não só remeteu a seu papel de ensinar, mas também possibilitou o suporte para estabelecimento de um diálogo endereçado aos colegas.

Apesar da complexidade conceitual a confecção da fita é relativamente simples: basta pegar uma tira de papel e juntar suas pontas de maneira a formar um círculo, em seguida girar uma das extremidades colá-las em seu avesso, procedendo por cortá-la em tiras circulares cada vez mais finas. Ao fazê-lo, o diâmetro da fita torna-se maior; porém, a largura estreita-se, tornando-a cada vez mais delicada – cada vez mais.

Após situarmos os participantes sobre a atividade a ser realizada, entregamos tesouras e um pedaço de papel a cada um e os convidados a se deslocarem para o espaço externo do prédio permanecendo em pé e em círculo na sombra de uma árvore.

Desenvolvimento da atividade

Direcionamos o início da atividade de confecção da fita para a professora instrutora que seguiu com as consignas:

Professora Instrutora:

A atividade que eu venho propor é uma atividade que foi desenvolvida pela secretaria da educação para o segundo ano e eu sempre gostei muito de fazer com os alunos, porque a primeira vez que eu fiz eu achei fantástico e vale a pena para nós fazermos também. Vocês vão receber uma fita comum como essa aqui, pensem num aro, num cinto,

algo simples, se a gente juntar essas duas partes aqui, é bem interessante que é uma coisa simples, mas vocês vão ver algumas diferenças, imaginem aqueles ratinhos que ficam dentro da gaiola, algumas pessoas compram aquele aro para ele andar, e eu vou fazer esse caminhar aqui dentro da fita.

Seguiu dizendo:

A gente percebe que é um ciclo, ele vai andando, mesma coisa é o pneu do carro. Se o ratinho quiser vir aqui em cima ele também pode, tem o lado de fora e o lado de dentro. Em 1856 um astrônomo chamado Moebius fez um estudo profundo de uma fita que a gente denomina fita de Moebius, que começou como outra comum, mas quando juntamos a fita a gente vira somente uma das partes e isso vira uma coisa incrível, que está na área de topografia inclusive, escadas rolantes, esteira do aeroporto, é tudo baseado nessa fita. Parece que é igual a outra, mas não é. O ratinho começa a caminhar e demora muito, não chega nunca, mas chega, uma hora vai chegar, vocês podem perceber que o caminhar aqui é diferente da outra porque não tem lado, não tem dentro e não tem fora. A proposta artística foi feita por Ligia Clarck, responsável por fazer as pessoas interagirem com suas exposições, como esculturas que as pessoas podiam montar, ela é muito lúdica, não gosta de fazer e deixar ali, gosta de as pessoas estarem mexendo na obra. Ela se apropriou desse estudo da fita de Moebius e propôs para pessoas que estavam visitando a exposição, então vou dar para vocês uma fita e tesoura e vamos vivenciar esse trabalho que a Ligia Clark fez em 1960.

Professora Instrutora:

Vou começar a cortar nesse sentido do caminhar, a gente vai cortando e quando chegar aqui a gente consegue imaginar o que vai acontecer, né? Na fita de Moebius a gente vai fazer a mesma coisa, em qualquer lugar vocês podem começar a cortar, quando chegar perto do ponto em que começou não corta não, para não estragar nosso trabalho. Agora, vocês fazem o que quiserem, ou corta reto, ou desvia para a direita e continua cortando, só não pode separar a fita. Voltando nela aqui, a gente começa a entender algumas coisas, depois que você corta ela forma um símbolo conhecido [...].

Participante: “O infinito”

Professora Instrutora:

Sim, ela lembra muito o infinito, ela nunca acaba, mesmo se continuar cortando. E, além disso, tem o símbolo também da reciclagem, que

também é baseado na fita de Moebius. Eu pedi para fazer isso aqui, porque quando a Lígia Clark propõe esse caminhando tem uma parte da psique envolvida nisso, inclusive tem um psicanalista envolvido nisso, o Lacan, que se apropria dessa fita e diz que nós somos muito isso, temos dois lados e ao mesmo tempo somos uma coisa só, e uma hora o negócio começa a embolar. E fora isso, como readaptados aqui temos um percurso e tem hora que temos que decidir algumas coisas, parar ou não parar? E muitas vezes tivemos que decidir e parar, mas que bom que nós cortamos e não aconteceu nada de tão ruim. Porque ficamos juntos.

Com sua explicação a professora readaptada ao assumir o papel de instrutora mediante a simbologia da fita que está sendo confeccionada por todos procura passar ao grupo o quanto ~~que~~ “essa estrutura mobiusiana os torna humanos, falantes, conscientes de nossa finitude, vestidos e inventor, consequentemente, de infinitos” (Kubrusly, 2013, p. 82).

Seguindo o passo a passo das instruções os participantes foram cortando, cortando, cortando... e cada um construiu sua própria fita. Assim como:

em seu Caminhando, de 1963, Lygia Clark faz na fita unilateral, com uma tesoura, um corte transversal que não encontra seu ponto de partida, mas prossegue em uma nova volta tornando a sua largura cada vez mais fina e seu diâmetro cada vez maior, prolongando, expandindo a torção da banda em direção a uma ruptura final – que virá necessariamente, já que a largura da fita não é infinita, mas que se retarda em uma promessa de não-corte, em um horizonte de passeio infinito da tesoura sobre o papel. (Rivera, 2008, p. 226)

Resultados e discussão

Ao perceber que todos haviam concluído o corte da fita, sugerimos que se organizassem para o registro fotográfico, cujo resultado está sendo apresentado na Figura 1.



Figura 1: Foto da construção da Fita de Moebius na Clínica do Trabalho com professores readaptados



Após o registro fotográfico solicitamos que individualmente expressassem os sentimentos, sensações, pensamentos relacionados à vivência da construção da fita, correlacionando também ~~que~~ o processo de afastamento e retorno ao trabalho readaptados.

A professora que conduziu a oficina iniciou dizendo: “Eu estou ajudando um menino com o ensino da arte, e eu gosto, porque não posso mais dar aula, mas com ele estou ajudando a tirar um pouco da tristeza”.

Em seu discurso revelou a maneira que encontrou para ressignificar o sofrimento causado pelo impedimento de atuar como professora devido às restrições ocasionadas pelo adoecimento. Ou seja, continuou ensinando arte mesmo sem poder atuar como professora. Neste caso, fica exemplificado a ressignificação com o trabalho, pois “ressignificar não é o mesmo que trazer algo para o campo representacional pela primeira vez, mas se refere a dar novo sentido a algo que já estava lá” (John, 2006, p. 45). E, “ao propor um novo significado ao trabalho, o sujeito torna-se consciente das implicações ocasionadas pela realidade do trabalho e tem a possibilidade de transformar o sofrimento em criatividade, em fonte de prazer e de saúde mental” (Bolonha & Gomes, 2019, p. 75).

Na sequência, uma participante compartilhou sua sensação no processo de construção da fita: “Tem uma hora que não quer mais parar de cortar, mas uma hora tem que parar”. Seu relato revela que a confecção da fita é também um momento que permite questionamentos das concepções subjacentes à prática que resulta em discursos elaborados com maior reflexividade em suas formulações.

Ramos, Tittoni e Nardi (2008) descrevem que a experiência de afastamento do trabalho por adoecimento é vivenciada como processo de ruptura ou continuidade nos modos de viver. Dentre as propriedades topológicas correlacionadas entre a fita e a readaptação, surgiram discursos sobre a vivência do rompimento, como nos exemplos das participantes que tiveram a fita rompida no momento do corte.

“A atividade me levou a resgatar o rompimento que tive que foi forçado”.

Outra participante relatou:

“Uma hora minha fita rompeu, foi sem querer, e fiquei triste, e me fez pensar no meu caso, porque eu não queria parar”.

“No meu caso quando vi o rompimento, quando vi que rompeu e eu não queria sair, era um momento que eu estava bem como profissional, tinha me encontrado na minha profissão, eu estava alfabetizando, estava sendo muito elogiada e estava com meu ego sentindo bem, aí por causa da implementação dessa PEI eu senti que foi um rompimento muito drástico, que foi um acontecimento assim que pra fazer parecer que funciona eu era uma peça de xadrez que foi tirada porque não fazia sentido, e eu não soube mais se eu era uma boa profissional, ou não”.

As limitações funcionais causam rupturas nas atividades laborais e muitas vezes no afastamento e retorno ao trabalho mediante readaptação profissional, o trabalhador perde um lugar socialmente legitimado e reconhecido, como aconteceu com estes professores que foram readaptados em outras funções devido às limitações ocasionadas pelas sequelas do adoecimento. “O rompimento imposto pelo adoecimento ameaçava um lugar social por eles conquistado via trabalho” (Ramos et al., 2008, p. 215), refletindo em ameaças interna e externa que parecem se encontrar como em uma fita de Moebius.

As propriedades topológicas atribuídas a estrutura moebiana é marcada por realizar cortes na fita, esta prática de cortar, instigou participantes a associar com suas vivências de

temores sobre o processo burocrático que envolve os encaminhamentos para readaptar-se ou permanecer readaptado.

“Teve época que eu achei que não fosse conseguir a readaptação, todo mundo já passou por isso aqui e quando finalmente saiu eu tirei um peso, assim como esta fita foi cortada, rompida, costurada”.

“No ano passado, completou dois anos que eu tinha feito a reavaliação da readaptação. Foi solicitado novamente pela escola, nós temos que ficar muito atentos as datas, e eu avisei a secretaria que já ia completar dois anos de publicação. Fizemos correndo, e agora todo dia eu acesso o diário oficial para ver se saiu a publicação, porque os nossos GOES (gerente de organização escolar) uns são muito dedicados, ajudam muito, mas tem escola que não está nem aí com as publicações de readaptação”.

O ato de cortar a fita contribuiu também para aflorar reflexões sobre os impasses burocráticos vivenciados no processo de readaptação, explodindo falas sobre a situação de suas experiências relativos aos riscos do corte do benefício que apontaram para os jogos de poder e presentes no processo.

“Quando você oficializa o pedido de readaptação tem que fazer no prazo estipulado”.

“Meu pedido de classificação de readaptado está errado, e até hoje não saiu e vou ter que pedir tudo por escrito para não me prejudicar mais para frente”.

“Acho que quem está há mais tempo readaptada sou eu e agora saiu definitivo, mas a escola escondeu o papel por um mês para me avisar que era definitivo”.

O espaço criado para circulação da palavra possibilitou para uma das participantes falar de sua angústia em relação a vivência de espera para revisão de seu processo de readaptação profissional: “Você fica nessa angústia, porque as vezes fica três, quatro anos sem ser convocada”. Conforme descrito por Lancman e Uchida (2003): “é na escuta do que é expresso que se cria a possibilidade de o sofrimento emergir e sua solução ser pensada por todos” (p. 84).

De acordo com Lancman (2008), “um dos pontos mais destacados na Psicodinâmica do Trabalho é a importância do trabalho na formação da identidade. A constituição da identidade é aqui entendida como processo que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito, e que está vinculada à noção de alteridade” (p. 34).

Nesta oficina, as vivências de perda e resgate da identidade na relação com o trabalho devido ao afastamento e readaptação também foram reveladas. Sobre isto, os discursos expressaram situações distintas, a saber: por um lado, houve relatos de bem-estar e de realização profissional. Por outro lado, foram relatadas também vivências de sentimento de perda de referencial identitário do papel de professor(a).

“Eu parei de trabalhar na hora que eu quis. Me readaptei em 2012, perdi o benefício em 2016 e em 2017 consegui a readaptação definitiva. Acho que estou na melhor fase, no melhor ciclo de readaptada, eu sinto que estou produzindo e às vezes dá saudade da sala de aula.” Em seu discurso a participante revela que a readaptação à atividade laborativa auxilia na reconstrução da identidade e implica na busca de um novo sentido para a própria vida (Cestari & Carlotto, 2012).

“Não, mas é que era gostoso no começo, nunca foi fácil, sempre tem os desafios, mas eu não sei se o tempo, esse caminhar, ~~não sei~~ se a geração ficou diferente, mas não consigo mais, eu gostava de fazer, era uma delícia, até hoje fico me perguntando se o erro está em mim ou no sistema. Imagina uma atividade dessa em sala de aula, tem uns que fazem, tem outros que não pegam nem na fita, é muito difícil essa nossa luta como educador. É lógico que agora quero estar readaptada, mas quem me dera conseguir continuar na sala de aula”.

“Depois que ~~eu~~ me readaptei ~~eu~~ estou me sentindo muito bem, mas quando eu paro para pensar que fez um ano, eu tenho crises de ansiedade e tenho que trabalhar essa questão de não sofrer por antecedência. E aí ~~eu~~ sonho que estou voltando a dar aulas e que estou agredindo e sendo agredida, e ~~eu~~ tenho um medo disso, porque se acontecer eu vou reagir, ~~eu~~ não vou conseguir”.

“Hoje não sei mais quem sou, eu me perdi e não consegui mais me encontrar. Como professora tenho dificuldade de ler, no pensar me sinto muito insegura, e eu quero poder me sentir... porque ~~eu~~ me sentia como uma boa professora, recebia elogios e foi interrompido por causa de um programa do governo e que me quebrou como profissional, ~~eu~~ me reencontrei e não me identifico mais como professora. E ~~eu~~ choro toda vez que ~~eu~~ encontro alunos”.

Os relatos das vivências revelam que a maneira como o processo de readaptação tem sido realizada gera novos fatores de sofrimento, somado a “isso desencadeia, por parte dos readaptados, sentimento de inutilidade e diminuição do seu desempenho e da autoestima, uma verdadeira ruptura em sua identidade profissional” (Amaral & Mendes, 2017, p. 110). Como exemplificado no seguinte discurso: “A gente gostaria de continuar sendo útil na sala de aula, e como readaptada tentamos continuar sendo úteis de alguma forma”.

Estes relatos confirmam que “na psicodinâmica do trabalho, o sofrimento é uma experiência vivenciada, ou seja, é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre seu “estar no mundo” (Dejours, 1999, p. 19).

Ao final da atividade, a fita representada pelas suas propriedades topológicas bastante peculiares, produziu diálogos entre os participantes que refletiram instâncias conscientes e inconscientes e suas relações recíprocas.

A professora instrutora comentou: *“Uma coisa que acho interessante é que todo mundo olhou para ver como ficou, mas mesmo que elas pareçam diferentes estão todas do mesmo jeito, e é isso mesmo, somos diferentes mesmo”*.

E algumas participantes completaram dizendo: *“Diferentes, mas iguais”*.

“E ao mesmo tempo somos todos iguais, porque somos uma fita; e eu lembrei tanto dos filhos da gente, quem tem filho né, de vidas que vem depois da gente. Acho que ninguém queria estar aqui readaptada...”

“E a gente sabe que um dia vai estar bem e em outro dia vai estar horrível. Mas tem o curativo, tem a fitinha, né”.

As expressões finais comportaram dispositivos que possibilitaram a visibilidade das experiências oportunizadas tornando os participantes protagonistas de suas opiniões, do mundo que trazem e dos bons pensamentos que constroem.

No compartilhamento sobre a atividade as expressões marcaram a importância do espaço da clínica da atividade, conforme seguem alguns relatos:

Professora Instrutora:

“Como é bom ter esse espaço e poder fazer isso, com vocês é muito bom. O grupo tem me ajudado muito, tenho tido pequeninas crises e antes eram diárias. Acho que são fases da vida que a gente vai passando e a ferida vai cicatrizando, ou a gente convive, não sei. E eu queria agradecer o espaço de fazer a fita, quando sugeri era porque era isso mesmo que eu queria passar, uma atividade diferente e gostosinha e fora que a gente adquire conhecimento sobre a fita do infinito né. No dia 6 de outubro farei 50 anos, e essa data é muito importante para mim porque faz 5 anos que estou esperando para me aposentar, e naquela época eu fui me arrastando, e fiquei esse tempo para me readaptar, e agora que vou fazer 50 anos e não quero me aposentar, porque estou bem. Eu estou passando uma fase boa que há muito tempo eu não passava, e quando você se reencontra é muito bom, eu estou assim, ainda me encontrando, me resgatando”.

“Eu achei interessante a dinâmica da fita, me emocionei muito, mas agora estou mais tranquila”.

“Tenho que agradecer o momento porque a fita foi muito importante para mim, quando pediu para virar vi que ia ser o infinito, e teve uma hora que ela rompeu sozinha. E ontem eu estava muito assim, porque aconteceu uma coisa com uma amiga que gosto muito, ela surtou e surtou comigo, e a direção poderia ter mediado, uma conversa, mas não fez”.

“Eu estou saindo satisfeita, contente, bem antes ~~eu~~ estava preocupada, e quando minha fita rompeu não me preocupei, porque na vida tem saída”.

“Gostei bastante da dinâmica, faz a gente refletir o interior da gente”.

“Foi boa a atividade da fita. Eu estou feliz porque parece que todo mundo está bem hoje né, com os problemas que a gente que não sabe do dia de amanhã, mas hoje teve uma autoestima, não estamos saindo como no primeiro dia que entramos saindo das angústias, hoje estamos mais pé no chão e que a gente continue assim, porque a gente tem as oscilações. A fita é nossa vida, o direito é o avesso”.

A atividade realizada com o grupo, foi promissora para promover a autopercepção, desenvolver a criatividade, avaliar a situação dos professores na situação de readaptados, seus sentimentos e conflitos, identificar problemas, detectar relações existentes entre expressões de sofrimento (ou prazer), e promover a mobilização subjetiva grupal.

A construção da fita de Moebius mostrou-se como um instrumento facilitador na manifestação da subjetividade dos trabalhadores, identificando a maneira pela qual o grupo estudado estabelece sua relação com o trabalho e com o processo de retorno como readaptados.

Considerações finais

Lançarmo-nos pela metodologia da clínica do trabalho se justifica por acreditarmos que esse caminho seja o mais coerente com nossos objetivos de construir o espaço de escuta para que os trabalhadores readaptados possam tornar-se protagonistas de seu desenvolvimento na reconstrução de suas vidas e ressignificação com o trabalho.

Esta oficina envolvendo a Fita de Moebius, numa sessão da clínica do trabalho, potencializou nos participantes espaço para reflexão do processo de afastamento, retorno ao trabalho e readaptação profissional, ressignificando suas vivências neste processo, ou seja, cada um revelou seu “caminhar” e, também as pedras encontradas neste caminho. E deste modo, atingiu o objetivo da proposta à medida que possibilitou a compreensão das vivências

dos professores da rede pública readaptados nas fases afastamento do trabalho e readaptação profissional, bem como os aspectos subjetivos vinculados a estes processos, fluindo num exercício de escuta pelos organizadores (psicóloga, supervisora e estagiários de psicologia), uma escuta direcionada para auxiliar os trabalhadores a superarem determinados conflitos e situações de impedimentos compartilhadas nas relações com o trabalho.

Esperamos com este artigo contribuir para mostrar uma possibilidade de atuação da Psicologia do trabalho, em suas conexões com a clínicas do trabalho na vertente dejouriana na área da saúde do trabalhador.

O desafio da elaboração deste artigo foi tecer um fio condutor que permitisse ao leitor reconhecer esta contribuição no campo da saúde no trabalho e, assim como na fita de Moebius, dar continuidade desta experiência em outros espaços protagonizando outros trabalhadores no poder de pensar e agir.



REFERÊNCIAS

- Amaral, G. A., & Mendes, A. M. B. (2017). Readaptação profissional de professores como uma promessa que não se cumpre: uma análise da produção científica brasileira. *Educação em Revista*, 18(2), 105-120. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.08.p105>
- Barbieri, C. P. (2008). Da vida à arte e de volta à vida: o sujeito em Lygia Clark. *Cógitto*, (9), 10-18. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100002
- Bendassolli, P. F. (2015). Clínicas do trabalho. In P. F. Bendassolli, & J. E. Borges-Andrade (Orgs.). *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 163-170). Casa do Psicólogo.
- Bolonha, T. R., & Gomes, G. C. (2019). A resignificação do trabalho: uma das contribuições da clínica psicodinâmica do trabalho. *Revista Uningá*, 56(S1), 68-77. <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/117>
- Cestari, E., & Carlotto, M. S. (2012). Reabilitação profissional: o que pensa o trabalhador sobre sua reinserção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 93-115. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000100006&lng=pt&tlng=pt
- Dejours, C. (1993). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J.-F. Chanlat (Coord.), *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas* (pp. 149-173). Atlas.
- Dejours, C. (1995). Évaluation ou validation en psychologie du travail? Pratiques psychologiques, de l'intuition à l'évaluation. *L'Esprit du temp*, (1), 51-61.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. Fundap.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>
- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.
- Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o barroco*. Papyrus.
- Deleuze, G. (2005). *Foucault*. Brasiliense.
- Grisci, C. L. I. (2003). Dos corpos em rede às máquinas em rede: reestruturação do trabalho bancário e constituição do sujeito. *Revista de Administração Contemporânea*, 7(1), 87-108. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552003000100005>
- John, D. (2006). *A resignificação da história de vida: temporalidade e narrativa no percurso da análise* [Tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Kanabus, B. (2015). Christophe Dejours - O corpo inacabado entre fenomenologia e psicanálise: entrevista. *Psicologia USP*, 26(3), 328-339. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150004>
- Kubrusly, R. (2013). Costurando uma fita na cabeça: um ensaio sobre a invenção da pessoa. In C. Frade, C. Pape, & R. Manhães (Orgs.), *Ética: arte, ciência, filosofia* (pp. 75-88). Decult/Comcultura.
- Lacan, J. (2003). *O seminário, livro 9: a identificação*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1961-1962).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lancman, S. (2008). O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 25-36). Fiocruz.
- Lancman, S., & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 79-90. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006
- Lancman, S., Toldrá, R. C., & Santos, M. C. (2014). Reabilitação profissional e saúde mental no trabalho. In D. M. R. Glina, & L. E. Rocha (Orgs.), *Saúde mental no trabalho: da teoria à prática* (pp. 98-112). Roca.
- Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990*. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das funções públicas federais. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8112compilado.htm
- Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991*. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8213cons.htm
- Lima, M. A. G. (2018). Retorno ao trabalho (RT): facilitadores e barreiras. In R. Mendes (Org.), *Dicionário de saúde e segurança do trabalhador* (pp. 996-997). Proteção.
- Mendes, A. M., & Facas, E. P. (2018). Clínica do trabalho. In R. Mendes (Org.), *Dicionário de saúde e segurança do trabalhador* (pp. 279-280). Proteção.
- Mendonça, T. C. P. (2005). As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(4), 626-635. <http://doi.org/10.1590/S1414-98932005000400011>
- Monteiro, M. P. (2014). A topologia de Lacan. *Estudos de Psicanálise*, (41), 133-139. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100013
- Perissé, N. (2016). Resenha: Trabalho vivo - tomo I: Sexualidade trabalho, de Christophe Dejours. *Revista Trabalho (En)Cena*, 1(1), 197-210. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/5235>
- Pickover, C. A. (2006). *The Möbius Strip: Dr. August Möbius's marvelous band in mathematics, games, literature, art, technology, and cosmology*. Thunder's Mouth Press.

- Ramos, M. Z., Tittoni, J., & Nardi, H. C. (2008). A experiência de afastamento do trabalho por adoecimento vivenciada como processo de ruptura ou continuidade nos modos de viver. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11(2), 209-221. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200006
- Rivera, T. (2008). Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(2), 219-238. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200004>
- Scheller, M., Bonotto, D. L., & Biembengut, M. S. (2016). Da modelagem a modelação: uma prática possível. *Anais da VI Jornada Nacional de Educação Matemática*, Passo Fundo, RS, Brasil.
- Silva, C. T. S. (2018). Descobrimo a topologia: um compêndio de fundamentos teóricos e atividades lúdicas para auxiliar na formalização e conceitos topológicos no ensino básico [Dissertação de mestrado profissional]. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, SP, Brasil. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155883>
- Silva, G. E. (2020). Clínicas do trabalho. In M. L. G. Schmidt (Org.), *Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho: principais conceitos e terminologias*. FiloCzar.
- Silva, J. C., & Garcia, E. L. (2011). Produção de subjetividade e construção do sujeito. *Barbaroi*, (35), 189-198. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000200013
- Silva-Junior, J. (2018). Retorno ao trabalho. In R. Mendes (Org.), *Dicionário de saúde e segurança do trabalhador*. Proteção.
- Triska, V. H. C., & D'Agord, M. R. L. (2013). A topologia estrutural de Lacan. *Psicologia Clínica*, 25(1), 145-161. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100010>
- Zambroni-de-Souza, P. C., & Moraes, T. D. (2018). Reflexões sobre a dinâmica psíquica de trabalhadores afastados do trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 103-111. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5866>

Autores	Contribuições
1	Direcionou, supervisionou a atividade prática, bem como os registros dos relatos e fotográfico. Interpretou os resultados redigiu a versão final do artigo.
2	Participou da atividade prática, auxiliou na elaboração final do artigo.
3	Auxiliou na organização dos materiais da oficina e fez o registro fotográfico.
4	Participou da atividade prática, auxiliou na elaboração final do artigo
5	Auxiliou na organização dos materiais para realização da oficina.